

Delzi Alves Laranjeira<sup>1</sup>

### RESUMO

Em suas reflexões sobre a violência, Arendt (1969) enfatiza seu caráter instrumental. No contexto da escravidão, a violência exerce um papel importante como instrumento de dominação e controle por parte do escravizador, mas também é instrumentalizada pelo escravizado como forma de resistência e atuação. Em seu romance *Blake, or the huts of America*, o escritor afro-americano Martin Robinson Delany apresenta um panorama da escravidão no sul dos Estados Unidos na metade do século 19, em Cuba e na África. Ao longo da narrativa, Delany elabora o percurso da violência que permeia o sistema escravista e mostra como seu protagonista, Henry Blake, idealiza e articula um levante dos escravizados como forma de combater esse sistema. Para ele, só é possível confrontar, responder e suprimir a violência da escravização por meio da insurreição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência; Escravidão; *Blake, or the huts of America*

### ABSTRACT

In her essay *On Violence* (1969), Arendt states the instrumental character of violence. In slavery, violence has played an important role as a tool for domination and control from the enslaver, but it has also worked for the enslaved as a tool for resistance and agency. In his only novel *Blake, or the huts of America*, the African-American writer Martin Robinson Delany portrays to his readers several aspects of slavery in the South of the USA, in Cuba and in Africa, in mid-nineteenth century. Throughout his narrative Delany also conveys the path of violence that permeates the slavery system and builds Henry Blake, his protagonist as the creator and leader of a rebellion that aims to set the slaves free. For Blake, the only way to respond to the violence of slavery is also striking back violently.

**KEYWORDS:** Violence, Slavery; *Blake, or the huts of America*

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, professora de literaturas de expressão inglesa da Universidade do Estado de Minas Gerais. [delzi.laranjeira@uemg.br](mailto:delzi.laranjeira@uemg.br)

Em seu ensaio *Sobre a violência* (1969), Hanna Arendt distingue poder e violência, argumentando que ambos, embora relacionados, não se equalizam. O exercício do poder, que ela define como “a habilidade humana (...) para agir em concerto” em nome de um grupo (2001, p. 36), pode implicar no uso da força, da autoridade e da violência, porém, esses conceitos não são intercambiáveis. A violência “distingue-se por seu caráter instrumental” (2001, p. 37), e, “como todos os meios, ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja” (1969, p. 41). Embora sejam conceitos distintos –e, na visão de Arendt, opostos– poder e violência geralmente andam juntos, ainda que, para a autora, o poder seja predominante, nesse caso. Não é possível haver uma dominação baseada apenas na violência e mesmo em situações de dominação extrema, como a escravidão, a supremacia do senhor em relação ao escravo não deriva do uso da violência em si, mas da “solidariedade organizada dos senhores” (ARENDR, 2001, p. 40), ou seja, como o poder é exercido pelo grupo de acordo com seus objetivos.

Ainda que a questão do poder do senhor seja determinante na relação senhor-escravo, a violência tem um papel crucial na manutenção desse *status quo*. Lovejoy (2012, p. 3, tradução nossa) destaca que “a escravidão sempre foi iniciada por meio de violência que reduziu o estado da pessoa de uma condição de liberdade e cidadania para uma condição de escravidão”. As guerras, e, em menor escala (mas não menos importantes), questões políticas e religiosas, têm sido os principais agentes de escravidão, da antiguidade à modernidade da história humana. O continente africano tem desempenhado um papel preponderante na história da escravidão de pessoas. Segundo Lovejoy (2012, p. 1), a expansão da escravidão de africanos ocorreu “em pelo menos três estágios: de 1300 a 1600, de 1600 a 1800 e de 1800 a 1900”. Entre 1525 e 1866, cerca de 12,5 milhões de africanos foram levados coercitivamente na condição de escravizados para as Américas. Desse total, 10,7 milhões sobreviveram à travessia

da “Passagem do Meio”<sup>2</sup> e estima-se que cerca de 388 mil adentraram os Estados Unidos. O restante seguiu para a América do Sul e Caribe <sup>3</sup>.

Nos Estados Unidos, a escravidão institucionalizada consolidou-se ao longo dos séculos 17, 18 e 19. A independência da colônia, em 1776, manteve intacto o pacto escravista, que só seria abolido em todo o país após a Guerra de Secessão, em 1865. Apesar das duras condições de vida ensejadas pela escravidão, os africanos e seus descendentes empenharam-se na produção de uma escrita, com as primeiras publicações datando do século 18, com a poesia de Phillis Wheatley e Jupiter Hammon. No século 19, um gênero literário significativo floresceu: a narrativa do escravo. Em linhas gerais, essas narrativas relatavam a vida dos seus autores antes, durante e depois da experiência da escravidão. Como observado por Andrews (1990, p. 23, tradução nossa), “[n]o início do século dezenove, narradores negros perceberam que, para assumir o privilegiado status de autor no discurso literário da América branca, eles teriam que escrever narrativas de autoria e autenticidade próprias”.<sup>4</sup> O pioneirismo no gênero é atribuído ao ex-escravo Olaudah Equiano, que publicou, em 1789, a autobiografia intitulada *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African*. Outra narrativa de grande impacto literário e sociológico é a de Frederick Douglas, *The narrative of the life of Frederick Douglass*, de 1845. Douglas, que conseguiu libertar-se da escravidão por meio da fuga, tornou-se um dos mais

<sup>2</sup> A Passagem do Meio refere-se a uma parte do trajeto realizado pelos navios negreiros no oceano Atlântico. Em uma estrutura triangular, a primeira parte do trajeto se dava quando o navio deixava a Europa rumo à África para efetuar o carregamento dos navios e o transporte dos escravizados. Na segunda parte, a então denominada “Passagem do meio”, os navios carregados de africanos em condição de escravidão deixavam a costa ocidental da África rumo às colônias europeias nas Américas. Era o trecho mais longo da travessia e durava, em média, de seis a oito semanas, em boas condições de tempo. A terceira parte do trajeto se completava com a volta dos navios à Europa, carregados com os produtos das colônias para as metrópoles.

<sup>3</sup> <http://www.slavevoyages.org/>

<sup>4</sup> No original: By the early nineteenth century black narrators realized that to assume the privileged status of author in the literary discourse of white America, they would have to write self-authorizing, that is, self-authenticating, narratives.

influentes líderes abolicionistas de sua época e seus livros desempenharam um papel importante no processo da abolição da escravatura nos Estados Unidos. Harriet Ann Jacobs também escreveu suas experiências em *Incidents in the life of a slave girl*, primeiro como folheto e depois em formato de livro, em 1861. Seu relato configura-se como uma biografia ficcionalizada e é pioneiro em apresentar o ponto de vista feminino sobre a instituição da escravidão e a violência, em todos os níveis, sofrida pelas mulheres em um sistema escravocrata.

Apesar do predomínio da narrativa do escravo no cenário da literatura afro-americana— estima-se que cerca de seis mil dessas narrativas foram produzidas na primeira metade do século 19, (OLNEY, 1984, p.46)— em um determinado momento diversos escritores afro-americanos perceberam a necessidade de elaborar novas formas de discurso, fora dos padrões estabelecidos por uma audiência branca para a aceitação da autenticidade dos relatos. Conforme Andrews, autores como Frederick Douglas e William Wells Brown, por exemplo,

sabiam que, sem uma nova e expansiva consciência da voz negra e das possibilidades da narrativa negra, o formato tradicional das histórias dos negros continuaria a restringir, quando não distorcer, a sua mensagem. Além disso, a ideia de autenticidade também permaneceria simplista e subserviente aos mitos dos brancos, ao invés de expressar as percepções da realidade dos negros. Assim, foi durante a década de 1850, quando a literatura escrita por afro-americanos, bem como por brancos, passou um renascimento, que a voz da narrativa negra rompeu mais profundamente com as convenções e expectativas dos brancos em uma tentativa de encontrar novas formas de se autorizar (ANDREWS, 1990, p. 24, tradução nossa).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> No original: knew that without a new and expanded awareness of black voice and the possibilities of black story-telling, the traditional medium of black narrative would continue to restrict, if not distort, its message. Moreover, the idea of authenticity and the relation of authority to authenticity would also remain simplistic and subservient to white myths rather than expressive of black perceptions of reality. Thus it was during the

A procura dessa nova forma, no entendimento de Andrews (1990, p. 24) introduziu a narrativa ficcional no âmbito da literatura afro-americana, em contraposição à voz “autêntica” da narrativa do escravo. Entre as obras publicadas na década de 1850 que se caracterizam como as primeiras tentativas de romancear a voz narradora, encontra-se o relato incompleto de Martin Robinson Delany, *Blake, or the huts of America*. O que é hoje considerada a primeira parte do texto (capítulos 1 a 34) foi publicada nas edições de janeiro a julho de 1859 do periódico *Anglo-african magazin*, de forma não sequencial. O manuscrito supostamente completo, contendo também o que é hoje identificada como a segunda parte, foi publicado de forma serializada na revista *Weekly anglo-american*, de novembro de 1861 a maio de 1862. Delany nunca conseguiu publicar o texto como livro, apesar de empreender vários esforços para esse fim. O romance só foi publicado nesse formato em 1970, pela Beacon Press, contendo 74 capítulos. Como o editor da *Anglo-african magazin*, Thomas Hamilton, comentou que o manuscrito continha 80 capítulos, a hipótese proposta é que os seis capítulos que faltam teriam sido publicados na *Weekly anglo-american*, porém, os exemplares que continham esses capítulos ainda não foram localizados e o romance permanece incompleto.

Para além das controvérsias em torno de seu formato de publicação, *Blake, or the huts of America* apresenta perspectivas inovadoras, para a sua época, sobre a escravidão, seus atores e a maneira como seu protagonista objetiva confrontar o sistema escravista. A história tem como foco a vida do escravo Henry Blake, nascido livre em Cuba e escravizado quando, por engano, embarca em um navio que, na

---

1850s, when black as well as white American literature underwent a renaissance, that the voice of black narrative broke most profoundly with discursive conventions and white expectations in an attempt to find new ways of authorizing itself.

verdade transportava escravos. Ao confrontar o capitão do navio sobre a questão do tráfico, acaba sendo vendido como escravo a um fazendeiro sulista, Coronel Franks. Na fazenda, case-se com a escrava Maggie e tem um filho, Joe. Após Franks, que havia firmado compromisso com Henry de não separar sua família, vender Maggie para um nortista na sua ausência, Henry considera que já recebeu uma carga suficiente de sofrimento e abusos, e decide agir, em vez de continuar se submetendo à violência do sistema. De forma a justificar as ações de Blake, o narrador de Delany vai relatar, ao longo da história, diversos episódios envolvendo as mais variadas formas de violência infligidas aos escravizados nos espaços por onde Blake transita, seja nos Estados Unidos, em Cuba, sua terra natal, ou na África, onde Blake participa do carregamento de um navio negreiro. É essa representação da violência elaborada por Delany que nos interessa elucidar, uma vez que, paradoxalmente, Blake opta, como observa Chiles (2014, tradução nossa), pela “revolta violenta como uma resposta apropriada à escravidão”<sup>6</sup>, um posicionamento que diferia do discurso pacifista de vários abolicionistas (negros e brancos) contemporâneos de Delany, mas que ia de encontro às ideias defendidas pelo autor, dentre as quais a necessidade dos “negros conduzirem suas próprias rebeliões”, de forma a obter a emancipação dos escravos ( MILLER, 1970, p. xxv, tradução nossa).<sup>7</sup>

Logo nas primeiras páginas do romance, o narrador apresenta as diversas formas de tratamento dispensadas aos escravos. Maggie, a camareira da Sra. Franks, esposa do Coronel Franks, o senhor dos escravos, é considerada a favorita da Sra. Franks e, segundo o narrador, é bem tratada por ela. Podemos inferir que esse “bem tratar” refira-se a não aplicação de castigos físicos (espancamento, queimaduras, mutilação, estupro) e outras formas de estresse, inclusive psicológico (ameaças de

---

<sup>6</sup> [http://www.encyclopediavirginia.org/Blake\\_or\\_the\\_Huts\\_of\\_America\\_1859-1861#start\\_entry](http://www.encyclopediavirginia.org/Blake_or_the_Huts_of_America_1859-1861#start_entry)

No original: violent revolt as a fitting response to slavery.

<sup>7</sup> No original: (...) black’s leading their own rebellions.

confinamento, morte, separação de familiares), instrumentos comuns de violência na relação entre senhores e escravos. Nessa cena inicial, a Sra. Ballard, esposa de um juiz amigo dos Franks e que está em visita à fazenda, reivindica uma promessa de Franks de vender Maggie para os Ballards. A Sra. Ballards não gosta de Maggie, considera o bom tratamento que a Sra. Franks dispensa a ela uma prática estranha e incomum e conclui que, por causa dessa deferência de sua senhora, Maggie se mostra um tanto quanto altiva. A partir daí, nos informa o narrador, a Sra. Ballard se mantém determinada “a subjugar seu espírito”<sup>8</sup> e em diversas ocasiões em que a Sra. Franks estava ausente, a Sra. Ballard maltratava Maggie e, em uma dessas vezes, esbofeteou-a no rosto, “chamando-a de ‘promíscua sem-vergonha” (BHA, p. 6).<sup>9</sup> Não há nenhum relato da reação de Maggie aos maus tratos, apenas um comentário que ela nunca havia tido tais experiências com a Sra. Franks, o que permite concluir que a violência infligida pela Sra. Ballard era algo novo para ela. É interessante notar que a reação da Sra. Franks, ao saber do ocorrido, é de evitar a questão: “[a]o tomar ciência do fato, a Sra. Franks ficou surpresa, mas ao saber que camareira não deu nenhum motivo justo para o ocorrido, não tomou mais conhecimento do fato, ignorando intencionalmente o assunto” (BHA, p. 6)<sup>10</sup>. Apesar de proclamar Maggie como sua favorita e afirmar ser bastante ligada a ela, a Sra. Franks foi incapaz de questionar o comportamento violento da Sra. Ballard em relação à Maggie, ou até mesmo de consolá-la. Tomar partido do escravo não faz parte do pacto que governa as relações entre ambos. Como Arendt menciona acima, a manutenção do sistema escravocrata apoia-se na “solidariedade organizada dos senhores”, e é essa solidariedade que leva a Sra. Franks a ignorar a

<sup>8</sup> DELANY (1970, p. 6, tradução nossa). No original: to subdue her spirit. As demais citações do romance ao longo do artigo referem-se a essa edição. O título será abreviado BHA e será incluído entre parênteses no texto, seguido do número da página citada.

<sup>9</sup> No original: calling her an “impudent jade.”

<sup>10</sup> No original: At this, Mrs. Franks, on learning, was quite surprised; but on finding that the maid gave no just cause for it, took no further notice of it, designedly evading the matter.

violência com que a Sra. Ballard, também proprietária de escravos, trata Maggie (e os escravos em geral). Seu apeço à escrava tem um limite: a linha que separa os senhores brancos, donos das terras e dos sistemas de produção e seus sujeitos escravizados, que esses senhores julgam destituídos dos mesmos direitos que eles, ou, de qualquer direito. Não por acaso, apesar da resistência da Sra. Franks em se separar de Maggie, Coronel Franks, seu marido efetua a venda e Maggie segue com os Ballards para sua fazenda em Cuba. A separação dos entes familiares dos escravizados era uma prática recorrente entre os escravizadores e a venda de Maggie exemplifica o sofrimento psicológico resultante desse momento da desintegração da família escravizada. Em Cuba, como nos informa o narrador na segunda parte do romance, as agruras de Maggie continuarão. É o destino de Maggie que girará a roda do enredo de *Blake*. Ao saber que sua esposa foi vendida, Henry Blake vai à sua procura, e nessa saga, vivencia e enfrenta um cenário de violência, mas também de articulação de uma resistência ao sistema escravista.

A ênfase na violência física que os senhores dispensavam aos seus escravos é uma constante nas narrativas sobre o tema no século 19. Frederick Douglass, nas primeiras páginas de sua autobiografia, descreve o espancamento de uma escrava, Aunt Hester, como “o mais terrível dos espetáculos” (2005, p. 14, tradução nossa)<sup>11</sup>, para ele, um verdadeiro rito de passagem sobre o significado da escravidão. O assassinato de pai Tomás pelas mãos de Simon Legree, seu senhor, que o espanca duramente por longas horas, no clássico *A cabana de pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, também compõe uma das cenas mais fortes da literatura de escravidão. Hartman observa que

[a] passagem por esse portão manchado de sangue é um momento inaugural na formação do escravizado. Nesse sentido,

<sup>11</sup> No original: a most terrible spectacle.

é uma cena de origem. Com isso [Hartman quer dizer] que o terrível espetáculo dramatiza a origem do sujeito e demonstra que ser um escravo é estar sob um poder brutal e autoridade de um outro (1997, p. 3, tradução nossa).<sup>12</sup>

Em *Blake*, Delany também criou o seu “portão manchado de sangue”. No capítulo 16, ironicamente denominado “Solicitude and amusement” (Solicitude e diversão), o leitor se depara com uma cena chocante de afirmação de domínio por meio da violência sobre um escravizado. A solicitude do título fica por conta da solicitação de Mrs. Franks ao Major Armsted para que ele consiga comprar Maggie de seus atuais senhores no Caribe e trazê-la de volta à fazenda. O Major contemporiza, respondendo que procurará fazê-lo na primeira oportunidade. O Coronel Franks, porém, não deseja a volta de Maggie e evita que o assunto volte à tona. Em um determinado momento, ele comenta que tem sido muito leniente com seus escravos e que, pretende, no futuro, “pesar a mão” na forma como os trata. Franks não detalha o que significaria “pesar a mão”, mas pode-se inferir um controle maior da liberdade de ir e vir, a aplicação de castigos, a exigência de jornadas de trabalho mais longas: um aumento, enfim, das formas de violência utilizadas contra eles. Afinal, como observa Franks, a cada dia os escravos estão se tornando “mais problemáticos e menos confiáveis” (BHA, p. 66)<sup>13</sup> e é preciso tomar alguma atitude para corrigir esses desvios. A conversa termina com um convite do Coronel Franks ao juiz Ballard e ao Major Armsted para visitarem a fazenda do Capitão Grason. Lá, ele os adverte, “vocês verão um raro esporte, a coisa mais divertida que eu já testemunhei” (BHA, p. 66).<sup>14</sup> A diversão revela-se um espetáculo dantesco: o capitão Grason, com o uso de um

<sup>12</sup> No original: The passage through the blood-stained gate is an inaugural moment in the formation of the enslaved. In this regard, it is a primal scene. By this I mean that the terrible spectacle dramatizes the origin of the subject and demonstrates that to be a slave is to be under the brutal power and authority of another.

<sup>13</sup> No original: (...) more troublesome, and less reliable.

<sup>14</sup> No original: (...) you'll see some rare sport; the most amusing thing I ever witnessed.

chicote, obriga um pequeno escravo, Reuben, de apenas onze anos, a ficar de quatro e cantar, rezar, assobiar, rir e chorar, enfim, fazer o que lhe manda o “Mestre”, ao som do chicote. A descrição pungente que o narrador faz do pequeno Reuben quando ele entra na sala, obedecendo ao chamado de Grason, já prepara o leitor para o que virá:

Daí a pouco veio um pequeno garoto negro de cerca de onze anos, de feições magras, dentuço, com um olhar lívido e doentio e complexão macilenta. A criança tremia de medo ao se aproximar do grupo.

“Agora, senhores”, disse Grason, “Eu vou mostrar-lhes um espetáculo!” tendo em suas mãos um longo chicote, que ele começou a estalar como um anfitrião de circo.

O menino dirigiu a ele um olhar inesquecível, um olhar que suplicava piedade e compaixão. Mas o decreto foi dado, e embora a humanidade fraquejasse em uma súplica debilitada, a ordem era imperativa, e sem ninguém para prevenir as consequências. Ele deve se submeter ao seu destino, e passar pela provação do adestramento (BHA, p. 67, tradução nossa)<sup>15</sup>

A narrativa que se segue é a tortura aplicada a Reuben, que obedece aos comandos do Capitão Grason enquanto é continuamente chicoteado por seu senhor. A reação da plateia varia: Coronel Franks “permaneceu olhando sem mover um músculo. Armsted ficou à parte, talhando um pedaço de madeira” (BHA, p. 67, tradução nossa),<sup>16</sup> o juiz Ballard, após contemplar Reuben, ensanguentado e em

<sup>15</sup> No original: Shortly there came forward, a small black boy about eleven years of age, thin visage, projecting upper teeth, rather ghastly consumptive look, and emaciated condition. The child trembled with fear as he approached the group.

“Now gentlemen,” said Grason, “I'm going to show you a sight!”

having in his hand a long whip, the cracking of which he commenced, as a ringmaster in the circus.

The child gave him a look never to be forgotten; a look beseeching mercy and compassion. But the decree was made, and though humanity quailed in dejected supplication before him, the command was imperative, with no living hand to stay the pending consequences. He must submit to his fate, and pass through the ordeal of training.

<sup>16</sup> No original: stood looking on with unmoved muscles. Arrnsted stood aside whittling a stick.

agonia, implorar por piedade, agarra o chicote do Capitão Grason, impedindo que a “diversão” continue. Ao notar que Ballard está com lágrimas nos olhos, Franks faz um comentário sardônico, mas significativo para a compreensão do papel e dos efeitos da violência na sociedade escravocrata do sul dos Estados Unidos: “Ainda está longe de se igualar a um sulista, juiz, se não consegue suportar isso!” (BHA, p. 67, tradução nossa).<sup>17</sup>

Para os estudiosos do fenômeno, a violência é sempre complexa, manifestando-se de forma multifacetada. Ela pode se apresentar nos níveis individual, institucional ou estrutural-cultural (VAN SOEST, BYRANT, 1995, p. 551). Nesse último nível, a violência encontra-se amalgamada ao tecido social, sendo aceita como parte da vida e contemplada com naturalidade. O comportamento e a fala do Coronel Franks e a indiferença do Major Armsted ilustram como as cenas de violência, dentro do regime de escravidão, encontram-se naturalizadas—pelo menos do ponto de vista dos senhores—a ponto de não mais provocar reações de repúdio, mas serem consideradas entretenimento. É a institucionalização e naturalização da violência, exercida pelo sistema escravocrata, como meio de controle sobre os escravizados. Não por acaso, somente o juiz Ballard, um nortista com pouco contato com o cotidiano das relações entre o senhor e seus escravos (apesar de possuir escravos), sente-se afetado pela violência que presencia. Apesar de Ballard aceitar a violência institucional da escravidão, como afirma em uma conversa anterior com Franks e Armsted, as manifestações mais explícitas dessa violência ainda não se incorporaram à sua visão de mundo, o que motiva sua repulsa e reação à tortura aplicada ao pequeno Reuben. Fica um óbvio mal-estar no ar, mais provocado pela reação do juiz Ballard do que pelo espancamento do escravo em si, porém, em nenhum momento, após a exibição do “espetáculo” do Capitão Grason, o tema é discutido: o capitão oferece bebidas aos

<sup>17</sup> No original: “Not quite a Southerner yet Judge, if you can't stand that!”

convidados e comenta que o “negrinho” costumava ser melhor. Ballard informa que precisava voltar para a cidade e o grupo, então, deixa a fazenda.

O narrador de Delany, no entanto, não fecha a questão com a saída dos homens. De maneira a enfatizar “o terrível espetáculo” a que se refere Douglas, o parágrafo final do capítulo informa ao leitor, com uma ironia sutil e quase poética, o desfecho dos acontecimentos: “[a] comitiva deixou a casa de Grason, Franks para o aconchego do lar, Ballard e Armsted para Jackson e o pobre garoto Reuben, devido à hemorragia dos pulmões, naquela noite partiu para a eternidade” (BHA, p. 68, tradução nossa).<sup>18</sup> É importante salientar que, ao descrever o martírio de Reuben, Delany adiciona uma nota de rodapé ao final de uma fala do escravo, na qual ele implora que o senhor pare de torturá-lo. Na nota, o autor informa que “[e]ssa é uma cena real do Mississippi” (BHA, p. 68, tradução nossa)<sup>19</sup>, ou seja, segundo Delany, sua ficcionalização foi baseada em fatos reais. Essa pequena nota parece ter o poder de arrancar o leitor do universo ficcional de Delany e chamar a atenção, como observa Hartman, para a “facilidade que essas cenas geralmente são reiteradas, a casualidade com que elas circulam e as consequências dessa rotineira exposição do corpo degradado do escravo (...) [reforçando] o caráter espetacular do sofrimento dos negros” (1997, p. 3, tradução nossa).<sup>20</sup> Vivenciar a violência pelas lentes da ficção pode parecer mais fácil, mas a nota de Delany tira esse conforto do leitor, trazendo-o para dentro da cena do “terrível espetáculo”, ao apontar a factualidade do evento e suas consequências.

<sup>18</sup> No original: The company now left Crason's, Franks for the enjoyment of home, Ballard and Armsted for Jackson, and the poor boy Reuben, from hemorrhage of the lungs, that evening left time for eternity.

<sup>19</sup> No original: This is a true Mississippi scene.

<sup>20</sup> No original: (...) the ease with which such scenes are usually reiterated, the casualness with which they are circulated and the consequences of this routine display of the slave's ravaged body.

Quando Henry Blake toma a decisão de fugir da fazenda de Franks em busca de Maggie e da concretização de seu plano “para uma insurreição geral dos escravos em cada estado e a eliminação bem sucedida da escravidão” (BHA, p. 39, tradução nossa).<sup>21</sup>, ele parte em uma cruzada pelos Estados Unidos, visitando fazendas no sul do país e estabelecendo contatos com escravos libertos e líderes de rebeliões locais em outros estados, chegando até o Canadá. Em sua peregrinação, Blake vivencia inúmeros exemplos de violência infligida aos escravizados: as perseguições aos que tentam escapar, com o uso de cães treinados para caçá-los como animais, as duras condições de tratamento nas senzalas –a escassez de roupas, alimentos, remédios, folgas da pesada rotina, espancamentos, estupro. A confirmação desse panorama de sofrimento sem fim, físico e psicológico, reforça cada vez mais em Blake a convicção da necessidade da insurreição contra a violência desse sistema. Delany não é explícito quanto ao plano de Blake para levar a termo uma revolta de escravos forte o suficiente para livrá-los do jugo dos senhores, mas ele passa pela conscientização de que os negros são capazes de fazê-lo, se houver um sentimento de união por uma causa comum.

Nesse panorama da violência da escravidão apresentado por Delany, um outro episódio merece destaque: a degradação sofrida pelos africanos que são trazidos da África para as Américas. Depois de assegurar a fuga dos pais de Maggie e vários outros companheiros para o Canadá, já na segunda parte do romance (capítulos 35 a 74) Blake parte para Cuba em busca da esposa. Na ilha, consegue localizar seu paradeiro e libertá-la do jugo de seu senhor, por meio da compra da alforria de Maggie de acordo com as leis locais, para a indignação de Peter Albertis, seu proprietário e sua irmã, Madame Adelaide Garcia. Ambos tratavam cruelmente Maggie (e outros escravos, inclusive crianças) com espancamentos constantes e torturas. Após retirá-la

<sup>21</sup> No original: for a general insurrection of the slaves in every state, and the successful overthrow of slavery!

da fazenda e deixá-la em segurança com amigos, Blake se engaja em mais uma aventura: emprega-se em um navio negreiro com objetivo de promover um motim e apoderar-se do navio, uma vez que, como justifica Plácido, seu primo e correligionário, eles precisarão de um navio para ajudar na logística da causa revolucionária e, além disso, poderão utilizar o carregamento de pólvora que o navio leva para fins comerciais como uma forma de obter fundos para o projeto. Imbuído dessa missão, Blake parte no *Vulture*, rumo à costa ocidental da África. O nome do navio– abutre, uma ave de rapina, que se alimenta de carcaças de animais mortos– é, obviamente, simbólico, remetendo a uma crítica ao tipo de comércio que pratica: o tráfico de pessoas para escravização. A palavra abutre também designa pessoas desalmadas, avaras, que querem se apossar das coisas. A referência ao abutre feita por Delany ecoa os versos dramáticos de Castro Alves no poema “Vozes d’África” (1868): “Hoje em meu sangue a América se nutre/Condor que transformara-se em abutre,/Ave da escravidão” e transforma o *Vulture* em um “símbolo (...) das forças que mantêm a existência da escravidão”: o sistema de produção de commodities (açúcar, algodão, tabaco), os latifundiários, os governos, os traficantes, os chefes tribais africanos (SUNDQUIST, 1993, p. 200, tradução nossa).<sup>22</sup>

Na costa da África, o leitor tem a oportunidade de ver, pelas lentes do narrador de Delany, as engrenagens que movimentam uma das mais cruéis formas de dominação sobre pessoas. Não por acaso, Delany denomina o capítulo “Fábrica de escravos”. Como informa o traficante português Ludo Draco aos tripulantes do *Vulture*, o “carregamento” já está disponível, ou seja, os africanos capturados e condenados a uma vida de servidão já se encontram nos barracões, e já podem ser “empacotados” no navio. Antes, são marcados com ferro em brasa. Os gritos, gemidos e lamentos que ecoam dos barracões são tão lancinantes que provocam uma forte

<sup>22</sup> No original: the very symbol of (...) forces that keep slavery in existence.

reação da filha de Draco, Angelina, que fica absolutamente horrorizada com a forma de comércio exercida pelo seu pai. Mulata, já que Draco é casado com uma africana, Angelina identifica-se com o sofrimento de sua raça. Ao sentir o cheiro de carne queimada causado pelas marcações do ferro em brasa, a jovem pergunta se aquilo é uma espécie de sacrifício, e alguém lhe responde, em tom trágico e irônico: “Sim (...), um sacrifício em holocausto ao deus de Portugal e Espanha” (BHA, p. 216, tradução nossa)<sup>23</sup>. A voz desconhecida que esclarece a situação à Angelina nomeia os principais responsáveis pela existência do tráfico, porque lucram com ele, assim como todos os intermediários que dele participam, como Draco e sua “fábrica de escravos”.

O relato do horror de Angelina ante a violência sofrida pelos escravizados trás a tona a questão de sua desumanização, commodificação ou reificação. Rinehart considera que tornou-se um truísmo, na historiografia sobre a escravidão, a ideia que os africanos e seus descendentes que foram submetidos ao tráfico e à condição de escravos, “foram reduzidos de sujeitos humanos complexos com extensas histórias pessoais e coletivas a objetos prontamente permutáveis—em resumo, que essas pessoas foram transformadas em coisas” (2016, p. 1, tradução nossa).<sup>24</sup> A captura, venda e transporte de pessoas que foram escravizadas representa, de fato, esse momento de commodificação dessas subjetividades, mas não é suficiente, como argumenta Rinehart, para apagar essa subjetividade e definir, nesses novos termos, esses sujeitos.<sup>25</sup> A

<sup>23</sup> No original: “Yes, (...)” a sacrifice of burnt offering to the god of Portugal and Spain”.

<sup>24</sup> No original: (...) were reduced from complex human subjects with extensive personal and collective histories to readily exchangeable objects—in simple terms, that these persons were made into things.

<sup>25</sup> Em seu artigo, Rinehart refuta a estabelecida ideia que a escravização transforma os escravizados em coisas, destituídas de humanidade, vistas apenas como mercadorias e tratadas como tal. Em vez de definir o processo de commodificação como estático, ou seja, o escravizado é *sempre* visto como coisa, mercadoria, ou não humano, ele sugere a visão da “comodificação como processo”. Nessa perspectiva, a commodificação representa uma fase do processo de escravização, que é o momento da troca comercial, e que esse momento não deve definir a subjetividade do escravizado em *todo* o processo de escravização. A brutalização do escravizado, segundo Rinehart, não se dá porque o escravizador não o vê como um ser humano, pelo contrário, a “violência imposta sobre escravos revela um profundo investimento e reconhecimento da humanidade das pessoas escravizadas

narrativa de Delany sobre a negociação com Ludo Draco, a venda, a preparação e o carregamento do *Vulture* com mil e oitocentos africanos reporta, sem dúvida, esse momento de commodificação, no qual ocorre uma supressão do entendimento de que se está lidando com pessoas e, portanto, qualquer violência infligida e o sofrimento que dela decorre, embora não possa ser apagado, como bem enfatiza a reação de Angelina, é desconsiderado pelos envolvidos na negociação. O comércio lucrativo de pessoas não deixa de enxergá-las como tal, mas minimiza, em seu processo, a brutalização do corpo e da mente dessas pessoas.

A travessia pelo Atlântico, a terrível Passagem do Meio, torna-se também um locus dessa supressão da subjetividade e a total indiferença pelo sofrimento humano. Com a proibição do tráfico de escravos pelo parlamento britânico em 1807, navios abordados pela marinha inglesa contendo carregamento de escravos eram considerados praticantes de pirataria e as penas eram pesadas, incluindo o enforcamento dos responsáveis. No romance, o comandante do *Vulture*, ao certificar-se que está sendo perseguido por um desses navios, decide lançar ao mar cerca de um terço do carregamento de escravos para tornar a embarcação mais leve, aumentar a sua velocidade e, assim, conseguir escapar do aprisionamento pelo navio inglês. A passagem é descrita nesses termos:

Então veio uma cena terrível. Homens, mulheres e crianças enfurecidos pela sede, famintos, nauseados, ofegantes pela falta de ar puro, exauridos e cobertos de imundícies, um a um foram trazidos para fora, até que seiscentos fossem atirados nas profundezas e submergissem para não mais se erguerem até o chamado das trombetas do paraíso na manhã da Ressurreição de

por seus escravizadores” (2016, p. 9, tradução nossa). No original: (...) violence enacted upon slaves reveals a profound investment in and acknowledgement of the humanity of enslaved people by their enslavers.

todos os mortos, para comparecerem ante ao Trono Eterno de Deus (BHA, p. 230, tradução nossa).<sup>26</sup>

O critério de escolha para o “alívio” da carga segue, obviamente, uma lógica mercantil: os mortos, os moribundos e os doentes, já que seu valor, como mercadoria, seria insignificante, ou nulo. O episódio carrega em si a violência de um massacre e enfatiza a percepção do tráfico transatlântico como “totalmente dependente do sofrimento dos cativos” (RINEHART, 2016, p.7, tradução nossa).<sup>27</sup>

A cruel destruição de parte dos escravizados do *Vulture* acirra os ânimos da tripulação negra em direção a um motim, mas esse acaba não acontecendo devido a uma forte tormenta que atinge o navio e refreia a energia de levar a rebelião a cabo. Sundquist opina que talvez Delany tenha colocado a tempestade como “uma sanção alegórica das disputas internacionais que previnem revoltas de negros no Novo Mundo, sua proposta de contornar a rebelião naquele ponto torna-se, no mínimo, obscura” (1993, p. 201-202, tradução nossa).<sup>28</sup> Mesmo sem ter conseguido conquistar o *Vulture* por meio do motim, na volta para Cuba, Blake e seus correligionários levam avante o plano de organizar um Exército de Emancipação, com o objetivo de libertar os escravos da ilha e espalhar a mensagem da revolução pelo Caribe e Estados Unidos. Delany oferece em *Blake* a perspectiva da resistência à escravidão (e das formas de violência que dela decorrem) por meio da rebelião, que também implica em violência. O panorama traçado por Blake em sua peregrinação pelos Estados Unidos, por Cuba

<sup>26</sup>No original: Then came a scene the most terrible. Men, women and children raging with thirst, famished, nauseated with sickness, stifled for want of pure air, defiled and covered with loathsomeness, one by one were brought out, till the number of six hundred were thrown into the mighty deep, and sunk to rise no more till summoned by the trump of Heaven in the morning of the General Resurrection of all the dead, to appear before the Eternal Throne of God.

<sup>27</sup>No original: (...) thoroughly dependent on the captives' suffering.

<sup>28</sup>No original: Although Delany may have intended the storm as an allegorical enactment of the international contentions between Europe and the United States that forestalled black revolt in the New World, his purpose in sidestepping the intended rebellion at this point is obscure, to say the least.

e pela experiência da Passagem do Meio expõe as inúmeras formas de brutalização do sujeito escravizado. Quanto mais confronta esse quadro, mais Blake se convence que não há como a emancipação acontecer por meios pacíficos, por meio da negociação com os escravizadores. Ao presenciar as cruéis formas de tratamento dispensadas aos africanos no navio negreiro, as convicções de Blake se reforçam cada vez mais: “[a] tudo isso Blake era testemunha, com um olhar atento e uma determinação de, mais do nunca, levar a termo seus objetivos” (BHA, p. 223, tradução nossa).<sup>29</sup>

Ainda na primeira parte do romance, no encontro com quilombolas que vivem no Pântano de Dysmal, entre os estados da Carolina do Norte e Virginia, Blake conversa com companheiros de Nat Turner, famoso por liderar uma rebelião de escravos e negros libertos em 1831. Turner foi enforcado e esquartejado, como exemplo para refrear novas tentativas de rebeliões,<sup>30</sup> acrescentando mais um episódio de contenção violenta do desejo do escravizado de questionar sua posição no sistema escravocrata. Ao inserir na sua história personagens reais que optaram pela insurreição violenta como forma de resistência, Delany enfatiza que sua “representação da escravidão em *Blake* contém (...) o potencial para rebelião dentro de cada escravo” (MILLER, 1970, p. xxiv, tradução nossa).<sup>31</sup>

Os seis capítulos restantes de *Blake* ainda não foram recuperados e o leitor não descobre se os arroubos libertários de Blake e seus seguidores se concretizam e qual papel a violência exerce no anseio de emancipação dos escravizados. Retomando Hanna Arendt, a autora salienta que a violência pode destruir o poder, mas não é capaz

<sup>29</sup>No original: To all this Blake was witness, with a watchful eye and determination more than ever to carry out his objects.

<sup>30</sup>Uma entrevista feita na prisão por Thomas R. Gray, advogado de Nat Turner, resultou na publicação do panfleto *The confessions of Nat Turner*, em 1831. O texto tornou-se um importante registro da insurreição liderada por Turner.

<sup>31</sup>No original: Delany's portrayal of slavery in *Blake* encompasses (...) the potential for rebellion within every slave.

de criá-lo (2001, p. 44). Delany não deixa claro se Blake almeja, além do fim da escravidão, algum tipo de poder, por meio da insurreição, mas a retórica do personagem aponta para a reivindicação do poder de atuação para o escravizado, e que esse agenciamento precisa ser definido nos mesmos termos definidos para os senhores: “[o] que a liberdade valer para os brancos, ela vale para os negros; assim, o que ela custar para os brancos obtê-la, os negros estarão dispostos e prontos a pagar, se assim o desejarem” (BHA, p. 192, tradução nossa).<sup>32</sup> Pela lógica de Blake, se esse custo for o uso e o enfrentamento da violência, os escravizados parecem estar dispostos a pagar por ele, até mesmo por que estão dolorosamente familiarizados com seus modos, suas práticas e suas consequências. Ao propor a insurreição como estratégia de conquista de soberania para os escravizados, Delany endossa a ideia de que “[n]as mãos do escravo (...) o uso da força ou a recusa de render-se à ameaça da violência torna-se uma afirmação de atitude e livre arbítrio” (FEBLOWITZ, 2010, tradução nossa).<sup>33</sup> Sem essa atitude, e frente à representação da violência no contexto da escravidão elaborada por Delany ao longo do romance, a fala de Henry Blake parece sugerir que, aqueles que por ventura não desejarem pagar o preço por sua liberdade, qualquer que seja ele, arriscam-se a vivenciar, permanentemente, a última visão de Kurtz, o trágico personagem de Conrad em *O coração das trevas*: “O horror, o horror”.

## REFERÊNCIAS

ANDREWS, William L. The novelization of voice in early African American narrative. *PMLA*. New York, v. 105, n. 1, jan. 1990, p. 23-34.

<sup>32</sup> No original: Whatever liberty is worth to the whites it is worth to the blacks, therefore, whatever it costs the whites to obtain it, the blacks would be willing and ready to pay, if they desire it.

<sup>33</sup> In the hands of the slave however, the use of force or refusal to surrender to the threat of violence becomes an assertion of agency and free will.

ARENDDT, Hanna. **Sobre a violência**. 3. ed. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

CHILES, Katy L. Blake, or the huts of America (1859–1861). **Encyclopedia Virginia**. Virginia Foundation for the Humanities, 6 Aug. 2014. Disponível em: <[http://www.encyclopediavirginia.org/Blake\\_or\\_the\\_Huts\\_of\\_America\\_1859-1861](http://www.encyclopediavirginia.org/Blake_or_the_Huts_of_America_1859-1861)>. Acesso em: 9 out. 2016.

DELANY, M. R. **Blake, or the huts of America**. Boston: Beacon Press, 1970.

FEBLOWITZ, Joshua C. Breaking the cycle: violence, control and resistance in American slave narratives. **Inquiries Journal/Student Pulse**, v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.inquiriesjournal.com/a?id=126>> Acesso em: 10 out. 2016.

HARTMAN, Saidiya V. **Scenes of subjection: terror, slavery and self-making in nineteenth-century America**. New York: Oxford University Press, 1997.

LOVEJOY, Paul E. **Transformations in slavery: a history of slavery in Africa**. 3<sup>rd</sup>. ed. New York: Cambridge University Press, 2012.

MILLER, Floyd. J. Introduction. In: DELANY, M. R. **Blake, or the huts of America**. Boston: Beacon Press, 1970. p. ix-xxx.

OLNEY, James. I was born: slave narratives, their status as autobiography and as literature. **Callaloo**. Baltimore, n. 20, winter 1984, p. 46-73.

RINEHART, Nicholas T. The man that was a thing: reconsidering human commodification in slavery. **Journal of Social History**. New York, v. 50. n. 1, 2016, p. 1-23.

SUNDQUIST, Eric J. **To wake the nations: race in the making of American literature**. Cambridge: Belknap Press, 1993.

Trans-Atlantic Slave Trade Database. Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

VAN SOEST, D., BRYANT, S. Violence reconceptualized for social work: the urban dilemma. **Social Work**. Washington, D.C., v. 40, n. 4, 1995 p. 549-557.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LARANJEIRA, Delzi Alves. Escravidão e Violência em *Blake, Or The Huts Of America*. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 21, mai./ago., p. 11-31, 2016.

Recebido: 30.09.2016 – Aprovado: 25.10.2016